



UNICAMP

P14.29

EVENTO: Rosana Lanzelotte lança cd
 VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
 DATA: 12/95
 PÁGINA: D12
 SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Raimundo Valentim/AE



Rosana Lanzelotte ao cravo: num laboratório para seguir experiências de Landowska, Leonhardt e Glenn Gould, ela descobre sua fórmula num disco raro como as peças de Bach que escolheu

Rosana Lanzelotte revela a obra rara de Bach

O novo disco da cravista traz peças pouco conhecidas do compositor alemão e consagra a intérprete como grande pesquisadora que não tem medo de experimentar

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Rosana Lanzelotte é um caso único na música erudita brasileira. Imagine uma fusão entre o preciso Gustav Leonhardt, a sensível Wanda Landowska e o inventivo Glenn Gould. Rosana está num laboratório para se tornar uma cravista muito próxima desse híbrido perfil. *Opera Rara*, o CD que lançou pela Editora Vozes, é um impressionante registro de obras pouco executadas de Bach. Mais surpreendente ainda é a inquietação de Rosana, que prepara para o próximo ano uma gravação com peças para cravo encomendadas a contemporâneos brasileiros.

Tinha de ser usado esse novo projeto. Afinal, Rosana Lanzelotte defende que o músico verdadeiro tem uma atitude "inquisitória, exploratória". Por isso divide suas mãos entre os barrocos e os futuristas. Toca Bach com a mesma facilidade com que manipula o mouse do computador, muito usado por ela para resgatar partituras originais quase ilegíveis encontradas em bibliotecas. Doutora em informática, Rosana tem, no entanto, seu nome associado à música histórica. Foi uma das fundadoras, em 1974, do Quadro Cervantes, grupo carioca que se dedica à reconstrução da música do passado com instrumentos de época. Deixou o conjunto há cinco anos para se dedicar a uma brilhante carreira de solista.

Foi assim que Antonio Meneses ganhou uma parceira. Rosana aceitou o desafio de gravar com ele as sonatas de Carlos Graziani, tão "diabolicamente" difíceis que, até hoje, ao que se tem notícia, só Aldo Parisot registrou. Com o amigo Meneses ela volta ao estúdio para gravar outro compositor pouco lembrado pelos modernos, o violoncelista francês Jean Barrière (c.1705-1746). Barrière, esse virtuoso do século 18, impõe a seus intérpretes uma steeplechase de cordas. Conhecendo Rosana Lanzelotte e Antonio Meneses, a dupla já

ganhou essa corrida de obstáculos.

★ **Caderno 2 — Além de seu natural interesse de musicóloga, que tipo de atração exercia sobre você as suítes de Bach selecionadas no disco *Opera Rara*?**

Rosana Lanzelotte — Tinha a preocupação de fazer um repertório pouco usual. Depois de uma exaustiva pesquisa, descobri que muitas dessas peças jamais foram gravadas. Mesmo a *Fuga sobre um Tema de Albinoni* é evitada pelos intérpretes, porque lembra um pouco o repertório de órgão. Já a *Sonata em Ré Menor* prova que não existia em Bach a preocupação com a autoria, porque ele aproveitava bem os temas de outros compositores. Aliás, foi a primeira das peças escolhidas, porque foi também a primeira de minha vida como solista, quando deixei o Quadro Cervantes, em 1990. Marca meu primeiro voo, quando parti

para a Holanda para estudar com Jacques Ogg.

Caderno 2 — Por que você deixou o Quadro Cervantes?

Rosana — Simplesmente o Quadro Cervantes se voltou para o repertório medieval e renascentista, em que o instrumento harmônico é o alaúde, não o cravo. Eu queria me concentrar no repertório barroco, uma vez que a melhor música do período foi composta para esse instrumento.

Caderno 2 — Como você concilia sua paixão pela música do passado com o interesse pela produção contemporânea?

Rosana — Gosto da música barroca porque ela é rigorosa, mas o repertório de cravo não se renovou. Fiquei surpresa quando toquei chorinho e dobrado ao cravo e vi que funcionava. Então, apresentei um projeto aprovado pela Comissão Carioca de Promoção Cultural para fazer um disco só com compositores brasileiros contemporâneos, que devo gravar entre maio e junho do próximo ano. Escolhi peças de Almeida Prado, Marisa Rezende, Ernani Aguiar,

Ronaldo Miranda e Henrique de Curitiba (Henrique Morozowicz).

Caderno 2 — Você poderia descrever uma dessas peças?

Rosana — Por exemplo, *Elos*, de Marisa Rezende, tem uma linguagem contemporânea sem recorrer a um sistema de notação insólito. *Elos* tem uma notação convencional, mas é uma obra conceitual composta de várias seções que se ligam como elos de uma corrente, fazendo o tema principal voltar a todo momento.

Caderno 2 — Por falar em convencional, seu dedilhado antigo é sempre visto com surpresa pelo público de seus recitais. Fale um pouco dele.

Rosana — Como vim do piano, tinha uma formação convencional, mas aos poucos fui descobrindo que era impossível tocar parte do repertório de cravo sem usar o dedilhado antigo. Estou me referindo a peças de William Byrd, por exemplo. É preciso conhecer as convenções e articulações para fazer a música respirar. Por isso é mais fácil estudar o dedilhado antigo, porque no passado o cravo era visto como um instrumen-

to mecânico. Era gravado sem musicalidade, sem emoção. É a articulação que faz do cravo um instrumento preciso. Há mais clareza e o dedilhado facilita a articulação, dispensando artifícios. O quarto dedo, por exemplo, que é muito problemático para os pianistas, acaba sendo muito mais exercitado.

Caderno 2 — O mais interessante é que sua preocupação com o repertório barroco é moderna, sintonizada com a de Glenn Gould, que, afinal, acabou virando ícone da modernidade. Hoje todo mundo grava as *Variações Goldberg* segundo Gould, inclusive Keith Jarrett. Por que não Landowska, que foi a pioneira?

Rosana — Sempre fui contra a visão conservatória, essa coisa passada de mestre a aluno sem questiona-

mento. Ora, durante um século perdeu-se a tradição, porque o cravo foi esquecido. Então, é impossível afirmar qualquer coisa sobre a tradição. Sempre estive aberta a influências, mas passei a ter certeza do que eu queria apenas há dez anos. Foi uma experiência, digamos, esotérica. Estava estudando a *Sonata para Viola de Gamba e Cravo* de Bach para tocar com o gambista Wieland Kuijken e, de repente, tive a impressão de que a música conversava comigo. Quando gravei, fiquei preocupada em eternizar apenas uma versão. Por isso, não creio que seja possível adotar uma referência. É preciso encontrar o próprio caminho.

Caderno 2 — Isso fica muito claro em sua interpretação da suíte *BWV 998*, que poderia ser muito alegórica

e, ao contrário, opta pela simplicidade.

Rosana — Exato. Tento colocar Bach na frente. Penso como é tocante o segundo movimento. Se você toca essa fuga com simplicidade, ela aparece em toda a sua pujança. Se, ao contrário, o intérprete opta pela alegoria, automaticamente perturba a arquitetura da peça. Toco com emoção, porque seria impossível para mim tocar algo sem ela, mas é diferente de uma peça do barroco francês, que é pura fantasia. Mesmo assim, pretendo gravar Barrière com Antonio Meneses.

Caderno 2 — Por que Barrière?

Rosana — Porque há um espaço grande para o baixo contínuo criativo e essa é uma parte criativa que me diverte muito. Gosto de desafios. Gravei Graziani com Meneses porque suas sonatas são diabolicamente difíceis.

Caderno 2 — Essa cadência em Barrière significa que você também compõe?

Rosana — Oh, não. Meu lado de compositora fica restrito à improvisação ao baixo contínuo.

COM ANTONIO MENESES, ELA REGISTROU AS DIFÍCEIS SONATAS DE GRAZIANI

Detalhes de uma grande intérprete

Reconstituição da música do passado não significa imitação, como prova a cravista

O que faz de Rosana Lanzelotte uma grande intérprete não é apenas sua habilidade ao teclado. Há uma inteligência rara que comanda essa interpretação. Primeiro, sabe que não pode enfrentar o cravo como se estivesse diante do piano. Ou seja, não persegue uma dinâmica incompatível com o instrumento, mas suas infinitas possibilidades de articulação. Em segundo lugar, sabe que nenhum cravista respira igual a outro: esse deve ser seu trunfo no palco ou no estúdio. Bach depende dessa respiração.

Outro aspecto importante: Rosana Lanzelotte não faz arqueologia musical, mas toca um Bach vivo, livre da redoma barroca. Não que alguém como ela, uma das criadoras do Quadro Cervantes, despreze a pesquisa histórica ou a tradição. Simplesmente está consciente do paradoxo que representa a reconstituição de uma obra por via da

imitação de estilo. É possível chegar a um resultado muito próximo a uma interpretação do século 18 com instrumentos de época, mas é impossível restaurar o passado. Os músicos contemporâneos teriam de se livrar da carga de convenções a que foram submetidos, fenômeno algo improvável.

Uma interpretação da *Sonata em Ré Menor* (BWV 964) como a de Rosana Lanzelotte desfaz sérios equívocos sobre o barroco como representação do mundo sobrenatural que esmaga os comuns mortais (como as igrejas cheias de ouro). Um intérprete comum veria na ornamentação do adágio uma possibilidade de exercitar um desenho aquietônico de gosto algo duvidoso. Rosana vai direto ao ponto, evitando o banal caminho do excesso.

Outro exemplo dessa sobriedade é a *Fuga sobre um Tema de Albinoni*, peça raramente tocada por organistas por dispensar a pedaleira. O "tempo" de Rosana parece ditado mais por uma necessidade interior do que pela partitura. São detalhes como esse que identificam um grande intérprete. (A.G.F.)



Capa do original 'Opera Rara': o pequeno selo Vozes parte para a divisão do bolo erudito num mercado de repertório viciado